

## THE SISSY DUCKLING: normatividade de gênero e resistência

Sara Regina De Oliveira Lima<sup>1</sup>  
Juliana Barros da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura infantil, assim como as demais literaturas, pode viabilizar diversas temáticas e propósitos. Isso se dá por ela ser um fazer artístico intencional, pensada a partir de uma estética, um enredo e um momento que para além da aquisição da linguagem, desempenho acadêmico da criança/adolescente e do uso educativo, pode ser compreendida como fonte de indagações decorrentes de influência social, histórica e cultural. Ao levar isso em consideração é que se objetivou analisar os padrões normativos de masculinidade encontrado na obra *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), que trata de preconceitos, aversão ao diferente e estereótipos de gênero. A análise procurou mostrar o modo com o qual a heteronormatividade apresenta-se e como é possível perceber o seu rompimento por meio de resistências frente ao binarismo de gênero. A pesquisa é de cunho bibliográfico e baseia-se em autores como Butler (2015), Louro (2009), Foucault (2014) e Connell (1995) aos quais abordam sobre gênero e sexualidades. Como resultados é possível afirmar que a obra infantil possibilita questionamentos sobre como é classificado os padrões de gênero impostos a personagem Elmer, além de revelar o seu caráter de resistência frente a tantas violências sociais, psicológicas e físicas vivenciadas por ele.

**Palavras-chave:** Literatura infantil; Gênero; Performatividade.

**ABSTRACT:** Children's literature, as well as other kinds literature, can make possible various themes and purposes. Once it is an intentional artistic making, thought from an aesthetics, a plot and a moment that beyond the acquisition of language, academic performance of the child and educational use, can be understood as a source of questions arising from of social, historical and cultural influence. By taking it into consideration, the objective was to analyze the normative patterns of masculinity found in *The Sissy Duckling*, written by Harvey Fierstein (2005), which deals with prejudice, aversion to differences and gender stereotypes. The analysis sought to show the way in which heteronormativity presents itself and how it is possible to perceive its disruption through resistance to gender binarism. The research is bibliographica as so, it was based on authors such as Butler (2015), Louro (2009), Foucault (2014) and Connell (1995) who deal with gender and sexuality. As a result it is possible to affirm that the children's literature allows questions about how gender standards are imposed to Elmer, the main character. Besides revealing the resistance to so many social, psychological and physical violence experienced by him.

**Keywords:** Children's literature; Gender; Performativity.

---

<sup>1</sup> Mestra em Literatura pela UFPI. E-mail: saralima.r@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em letras pela UFPI. E-mail: juhbarros169@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A literatura, por ser arte, pode ser para x<sup>3</sup> artistx e para aquelxs que a tomam para si, uma forma de sentir a ficção por meio de provocações e apreciações, o que pode levar x sujeitx a ser por ela transpassadx. Fischer (1987, p. 20) afirma que a arte é uma necessidade que vai se transformando ao passo que transforma, pois ela é “necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”; é, também, uma fruição para um transbordar ao despertar ideias, aspirações, necessidades, esperanças, críticas, aversões e inclusive o nada. Para o autor, a arte está intrinsecamente ligada à humanidade, sendo que a mesma reflete tanto os sentimentos humanos, quanto os anseios sociais. Especificamente a literatura infantil tem mostrado grande expressividade no que diz respeito às temáticas e a estilística, atenuando multiplicidades de visão de mundo. Coelho (2010), por exemplo, ao analisar a natureza desta literatura aborda que embora não exista mais um ideal da mesma, esta corresponde à necessidade do tipo de leitor em consonância com a sua época. A autora ainda mostra que as produções do século XXI têm se voltado cada vez mais para a vertente realística, ou seja, narrativas que são expressões da realidade cotidiana, atendendo a diferentes objetivos, tais quais: testemunhar, informar, apelar para a curiosidade e preparar psicologicamente o leitor.

Dentre as chamadas tendências atuais ou plurais é cada vez mais frequente autores trazerem a cena o mundo real e os conflitos presente nele. Diversidade cultural, diáspora, marginalização, violências, conflitos familiares, racismo, temáticas LGBTQI+<sup>4</sup> e problemáticas de gênero são exemplos de um protagonismo que vem tomando espaço nas narrativas brasileiras e estrangeiras. Do mesmo modo, a crítica tem focado nestas produções como objeto de análise e pesquisa. Se pegarmos o recorte de gênero e sexualidade, por meio do trabalho de Sefton (2011) é possível perceber uma literatura

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, usa-se o “X” como forma de legitimar o masculino e feminino, ou seja, um marcador de indeterminação de gênero que objetiva borrar as fronteiras da linguagem voltada para a predominância masculina. Esta perspectiva de escrita já vem sendo utilizada em alguns trabalhos publicados no Brasil. Quanto ao uso do “X” ou ainda de sinais diacríticos, Oliveira (2016, p. 114) argumenta que eles são “simultaneamente um desejo de abarcar mais e desejo de complexificar, de ir desnaturalizando a linguagem [...]”.

<sup>4</sup> Sigla referente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queers* e Intersexos. Alguns/mais teorixs também utilizam a sigla LGBTQI+ como Oliveira (2017), Colling (2016), entre outros.

engajada no Brasil, em Portugal, na Espanha e na Inglaterra. Ruterana (2017, p.32), por sua vez, ao usar a literatura infantil em um trabalho que objetivava promover a igualdade de gênero em Rwanda, permite o entendimento que,

Many researchers in and authors of children's literature argue that the manner in which gender is represented in children's literature impacts children's attitudes and perceptions of gender-appropriate behaviour in society (Bettelheim 1976; Hunt 1990, 1991; Geoff 1995; Zipes 1997; Singh 1998). In this respect, contents with gender stereotypes can offer a privileged opportunity to children to re-examine their gender beliefs and assumptions, leading them to adopt more egalitarian attitudes.<sup>5</sup>

Ao observar a potência e expressividade que estas literaturas desempenham ao possibilitar diálogos necessários tanto no campo social, quanto no campo teórico esta pesquisa surge como uma proposta de análise da obra *The Sissy Duckling* (2005), do estadunidense Harvey Fierstein, que narra a história do protagonista Elmer apresentado pelo narrador como sendo o pato mais feliz de toda floresta. Ao descrever a personalidade da personagem, é apresentado ao leitor o modo com o qual ele é diferenciado dos demais. Por ser *sissy*<sup>6</sup>, como o título sugere, ele sofre com os estereótipos enfrentados por meninos e/ou homens que fogem dos padrões heteronormativos<sup>7</sup>. Logo, nesta narrativa são abordadas temáticas que versam sobre preconceitos, aversão ao diferente e estereótipos de gênero. Levando em consideração as informações apresentadas, é que se chegou a seguinte problematização: De que maneira a obra infantil *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), que aborda temas de gênero e preconceitos, pode ser percebida como crítica as normativas de gênero?

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: Muitos pesquisadores e autores da literatura infantil argumentam que a maneira como o gênero é representado na literatura infantil impacta as atitudes e percepções das crianças sobre o comportamento adequado ao gênero na sociedade (Bettelheim, 1976; Hunt, 1990, 1991; Geoff, 1995; Zipes, 1997; Singh, 1998). A esse respeito, conteúdos com estereótipos de gênero podem oferecer uma oportunidade privilegiada para que as crianças reexaminem suas crenças e suposições de gênero, levando-os a adotar atitudes mais igualitárias.

<sup>6</sup> Palavra de língua inglesa cujo significado equivale aos termos afeminado, viado, maricas, bicha, etc., utilizados no Brasil.

<sup>7</sup> A heteronormatividade sugerida neste trabalho tem como base o pensamento de Foucault (2014) e Butler (2015). Segundo essa concepção a sociedade tende a legitimar os posicionamentos e comportamentos dos sujeitos que condizem com as noções binárias de gênero, assim como, a heterossexualidade.

Sendo assim, objetivou-se analisar o modo com o qual a heteronormatividade e os rompimentos com a mesma são representados na referida obra, tendo em vista que a heteronorma é instaurada com o propósito de estabelecer padrões de gênero e sexualidade aos/às sujeitxs. Além disso, buscou-se desenvolver uma leitura analítica de *The Sissy Ducking*, de modo a identificar aspectos relacionados aos comportamentos e à autoidentificação da personagem que rompe com a normativa de gênero, uma vez que a mesma tem por base a anatomia dos corpos; também se investigaram os preconceitos, estereótipos de gênero, analisando como as relações sociais na ficção se tornam atenuantes para situações de violências sofridas por Elmer. Observa-se ainda que com tanta variedade de temas e representações, ao longo da historicidade da literatura infantojuvenil, as narrativas com temáticas LGBTQI+ marcam um período de confronto e empoderamento, pois são manifestações de resistência aos padrões de feminilidade, masculinidade, sexualidade e gênero pré-estabelecidos. Obras como *The Sissy Ducking* trazem como legado uma nova abordagem para a arte, de modo a contemplar representações de subjetividades que durante muito tempo estiveram emudecidas neste cenário literário.

## **ROMPENDO COM AS NORMATIVAS DE GÊNERO**

No que concerne à subjetividade, gênero e suas manifestações, sabe-se que estas estão diretamente ligadas à condição humana. Sell (1987) afirma que desde cedo o indivíduo vai moldando a sua identidade sexual e que a mesma se encontra em constante relação com seu íntimo e com as expectativas sociais. Poderíamos agregar ao pensamento da autora as vivências de gênero que começam a serem amalgamadas na existência dxs sujeitxs antes mesmo do nascimento. Tal afirmação é verificável nas ideias abordadas por Butler (2015) para quem gênero é uma construção social, contrastando com a ideia de que ao nascer o ser humano já está com um gênero predestinado (masculino ou feminino).

Para Butler a premissa do destino do gênero choca-se com a distinção sexo/gênero cujo primeiro é natural, enquanto que o segundo é construído, sendo a cultura o destino e não a biologia. Deste modo, o gênero acaba sendo um dispositivo que pode ser predestinado pela sociedade, uma vez que as atribuições sociais constroem classificações na dinâmica cultural referente a orientações que tentam definir quais os papéis a serem

assumidos por determinadxs sujeitxs. No entanto, xs sujeitxs subversivamente ultrapassam as barreiras de normatividade, apontando para diversas formas de feminilidade e masculinidade, ou ainda de manifestações não binárias.

Dentre os discursos arraigados no senso comum sobre as temáticas de gênero, temos diferenciações sexistas comumente feitas em nossa sociedade: vestidos são roupas de meninas; bolas são brinquedos de meninos; rosa é cor de menina; azul é cor de menino. Estas afirmações são exemplos de como o gênero é imposto desde muito cedo. Para Butler (2015, p. 193), “a marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida”. A partir daí, as práticas regulatórias tentam sufocar os possíveis atos por meio de discursos reproduzidos de que apenas determinadas atividades são masculinas ou femininas.

No entanto, o gênero integra descobertas e vivências que estão presentes em todas as fases da vida dxs sujeitxs, tal qual a sexualidade, e podem ser cambiante. Desta forma, aquelx que se assume heterossexual, pode vir a ser homossexual ou bissexual em outro momento de sua vida, por exemplo. Do mesmo modo, uma criança que é educada a se posicionar socialmente em uma lógica que pressupõe o binarismo de gênero pode de forma dissonante se afastar dos padrões normativos de gênero a elx impostx, podendo ser não binário ou mesmo uma pessoa *trans*. Partindo desse pressuposto, a primeira premissa que se pode observar diz respeito à dissonância de gênero ou desobediência de gênero como afirma Oliveira (2017), pois nem todo sujeito que nasce com pênis deve ser / ou é obrigatoriamente masculino. Por meio dos estudos de Foucault refletindo sobre a história da sexualidade é possível perceber a produção de verdades por meio do poder. “O poder seria, essencialmente, aquilo que dita à lei, no que diz respeito ao sexo” (FOUCAULT, 2013, p. 93). De tal modo que este poder tende a regulamentar padrões de sexualidade e de gênero determinando o que é lícito, virtuoso, apropriado ou não, por meio de discursos que ainda circulam em todas as esferas sociais. Não permitindo esquecer, também, que ele é instaurado objetivamente em algum contexto social, político, religioso, educacional e familiar, pois remete a correlações variadas de subordinação daqueles que obedecem àqueles que definem as regras.

Dentre as regras e normas sociais tem-se o entendimento do que é ser menino e menina, homem e mulher, e assim por meio de uma visão binária, quem deve exercer a

masculinidade e feminilidade. Todavia, o poder também nos aponta uma reflexão de resistência, “onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2013, p. 105). Deste modo, tanto as vivências de gênero, quanto as de sexualidades ultrapassam as normativas de poder, ou, a saber, burlam a heteronorma. As vivências de gênero são forjadas no âmbito social onde as práticas sociais dependem não apenas da cultura dxs sujeitxs, mas também do contexto em que elxs se encontram ou se percebem. Assim, situações cotidianas que vivificam as categorias binárias de gênero vão, de forma consistente, forçando determinadx sujeitx a “ser mulher” ou “ser homem”. Esse fato revela que as configurações divergentes têm como resposta estranhezas e rejeições quando o ritual não é seguido ou, ainda, transita-se por essas duas categorias.

Louro (2009) mostra que, no século XIX, os homens médicos, filósofos, moralistas e pensadores deram suas definições sobre os corpos por terem um “olhar autorizado”. Eis aqui o pensamento que denuncia um forte indício da matriz heteronormativa: o discurso autorizado masculino, portanto fincado nas bases do patriarcado, logo, heterocentrado e sexista. O que se vincula ao bom, correto, limpo e agradável tem bases masculinas, tem lugar de enunciação comprometido com ideias, vivências e concepções predispostas em um grupo seletivo. Observa-se ainda que, mesmo no século XXI, a sociedade em sua formação normativa, posiciona-se legitimando os estereótipos de gêneros e de representações de sexo baseada em seus padrões culturalmente já estabelecidos, o da “sexualidade normal” (heterossexualidade), marginalizando qualquer outra forma de relação que não se estabeleça nos discursos caracterizados por ela, julgando assim, xs sujeitxs de acordo com o padrão biológico de reprodução sexual humana. No entanto, as sexualidades e as identidades de gênero, ou a diferenciação entre o que se pode estabelecer como feminino e masculino, não estão ligados exclusivamente à anatomia dos corpos, e sim à singularidade de cada sujeitx por meio das questões de autoidentificação e *performance*<sup>8</sup>, por meio das quais os gêneros obtêm significações.

A distinção dos modelos homem e mulher não devem, portanto, criar ilusões. Um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja

---

<sup>8</sup> Termo defendido pela teórica Judith Butler (2011, 2015). Esse termo pode ser entendido como consequência de atos que geram expressões como seus resultados.

em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher. Feminino/masculino são posições de gozo que se instituem nos seres – homens e mulheres – pelo modo que se inscrevem, como sujeitos, na função fálica (GROSSI et al. , 2005, p. 29).

Mesmo sabendo que a sexualidade e o gênero, de forma sistemática, estão sob a tutela de determinadas relações estratégicas de poder, que passam pelo olhar autorizado, encarado como “verdades”, como propõem Louro (2009) e Foucault (2014), elas são categorias ligadas às subjetividades dxs sujeitxs, o que desafia diretamente as normatividades por não contemplar todos os corpos, sexualidades, subjetividades e performances de gênero. Embora os discursos e representações se vinculem ao modelo socialmente propagado, a enunciação dos corpos, performances e sexualidades situados à margem da “normalidade” se fazem necessárias, por novos modos de existir, viver a sexualidade, o gênero, o corpo, propondo a dissuasão da segregação, do isolamento, do sexismo, da homo/lesbofobia, do machismo dentre outros. Observa-se ainda que estas duas categorias

evidentemente, sendo um processo cultural, é histórico e dinâmico, quer dizer, é passível de transformações. Ao lado dos discursos que reinteram a norma heterossexual, circulam também discursos divergentes e práticas subversivas, e parece notório que esses processos de subversão e desafio da norma vêm se tornando, contemporaneamente, cada vez mais visíveis (LOURO, 2009, p. 92).

A subversão tanto de sexualidade, quanto de gênero toma protagonismo quando notório que o padrão não é suficiente para a multiplicidade que são estas categorias. O que rompe com a heteronormatividade traz visibilidade para além da heterossexualidade e para a imposição de sexualidade-gênero proposta aos/às sujeitxs. A própria política de reiteração normativa mostra a fragilidade dessa categoria, já que ela necessita de uma continuidade, o que leva a entender o ciclo das relações sexuais e vivências de gênero pela subversão das normas. Portanto,

pode-se dizer então, que esta forma específica de articulação entre corpo, gênero e sexualidade não é natural e nem universal, mas se trata inteligível

e operante no interior de redes de poder que a definem e que permitem que ela funcione como tal (MEYER, 2009, p. 129).

As rupturas propostas a partir de um olhar social move-se de uma matriz hegemônica para a análise das subjetividades dxs sujeitxs, considerando todas as suas construções socioculturais, ademais, não esquecendo o lugar, as instâncias, as performances e práticas onde elxs encontram prazer, sejam esses sociais ou sexuais, considerando as ressignificações dos corpos, que passam a ser percebidas. Estes discursos, portanto, podem ser vinculados de diversas formas, incluindo as artes, pois é sabido que a arte, criada a partir de uma estética e ficcionalização (como é o caso da literatura), é expressão de vivências que comunicam e podem objetivar determinadas finalidades.

### **O PATINHO AFEMINADO**

Ao considerar que um sujeito é biologicamente masculino, este deve cumprir com o que a ele é imposto de acordo com as normas comportamentais, baseado na heteronorma, que são atribuídas socioculturalmente ao seu sexo. No entanto, romper com essa heteronormatividade pode ser um ato de subversão do padrão masculino, por meio de performances. Isto ocorre com a personagem aqui analisada, Elmer, por ser afeminado projeta uma fluidez bem mais ampla do gênero a ele atribuído, em decorrência ao gênero por ele vivenciado. Faz-se importante salientar que ser afeminado não se restringe a uma construção exclusivamente a partir da ideia de mulher, por mais que seja uma vivência de gênero que comumente liguem ao feminino pelo fato de, aparentemente, o feminino e o masculino serem apresentados ou considerados como dois dispositivos produtores de sentidos universais de gênero, revelados por uma polaridade e distanciamento. Como reconhece Bento (2014, p. 12), “apenas alguém muito desavisado poderá fazer coincidir masculinidades = homens e feminilidades = mulheres”. Destaca-se, pois que a personagem aqui analisada é afeminada da sua maneira, não havendo necessidades de enxergá-la como uma mulher.

O livro *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein (2005), trata de preconceitos, aversão ao diferente e estereótipos sociais por questões de gênero. De início, o autor

apresenta Elmer, o pato mais feliz de toda floresta, e segue descrevendo a personalidade da sua personagem principal. Ele diferencia-se dos demais patos em muitos aspectos, como por exemplo, gostar de ajudar nos afazeres domésticos, brincar com garotas, cozinhar, entre outras atividades tidas socialmente como femininas. Notoriamente no processo de socialização dxs sujeitxs, desde a infância percebe-se como as identidades de gênero se fazem bem distinguidas para sua possível perpetuação. As colocações “meninos fazem isso, meninas aquilo ou ainda, meninos vestem isso, meninas vestem aquilo”, constituem um processo que segue à risca a heteronormatividade. Para Meyer (2009), nesse processo de aprendizagem do gênero, os meninos, por exemplo, são “vigiados e instigados para a construção de um determinado tipo de masculinidade” (MEYER, 2009, p. 219). Constatase que todo o processo de humanização do ser humano está amalgamado em discursos assepsiados em relação ao gênero, no caso dos meninos a masculinidade hegemônica.

Ao enxergar criticamente a narrativa é evidente que Elmer carrega boa parte dos estereótipos enfrentados por meninos e homens que fogem dos padrões heteronormativos. Por meio da leitura, observa-se que os momentos ficcionais vivenciados pela personagem mostram fortes relações com a realidade, pois tanto no contexto real, quanto no ficcional, os estereótipos são legitimados nas relações de poder existentes entre os gêneros. Feminilidade para as meninas e masculinidade para os meninos, são ideologias ensinadas e reforçadas desde a infância. Com base em Junqueira (2009), a ideia naturalizada que se tem

de determinados comportamentos em torno das masculinidades e das feminilidades está amplamente incorporada em nossa sociedade [...]; Tais comportamentos, percebidos de forma essencializada (meninos são mais agitados, agressivos, meninas são mais meigas, passivas; meninos devem gostar de determinadas coisas, meninas de outras), estão pautados por relações de poder entre sexos desde a infância (JUNQUEIRA, 2009, p. 147 *apud* FELIPE e GUIZZO, 2002).

Sendo a naturalização essencializada, as características de Elmer, descritas pelo narrador, o aproxima mais das características que socialmente são atribuídas às meninas, assim, os estereótipos tomam espaço na narrativa, uma vez que a personagem não é agressiva ou agitada, ao contrário é meiga, organizada e afeminada. Logo nas primeiras

tentativas do pai de Elmer de socializá-lo com os demais, através de um jogo de baseball, se fazem evidentes diferenças que o patinho apresenta em comparação aos outros, pois o mesmo não conseguia nem ao menos rebater ou agarrar a bola, o que fez com que todos o apelidassem de “fresquinho”, “maricas”. Neste dia, pela primeira vez, o pai de Elmer sentiu muita vergonha de seu filho: “*Sissy! They all called him SISSY! Now I am laughinstock of the whole flock*”<sup>9</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 12). Nessa cena, o autor desnuda a raiz da relação de repressão entre as personagens. Outro ponto que chama atenção na citação são os apelidos que fazem parte de um contexto de estereotipia comum direcionada aos sujeitos que vivenciam experiências de gênero tidas como afeminadas. Desde a infância,

os meninos utilizam, de forma muito frequente, termos como ‘bichinha’, ‘gays’ e ‘baitolas’ para se referir aos transgressores das brincadeiras e dos comportamentos como sendo masculinas nessa idade e contexto e, seguidamente excluem esses meninos de suas próprias brincadeiras (MEYER, 2009, p. 214).

Ao chamarem a personagem de *sissy* é possível constatar a ideia do “outro”, que reverbera o processo de outremização, ou seja, este sujeito não é o sujeito com “S”, como mostra Spivak, mas este é um subalterno, aquele que não importa e que, portanto, é abjeto. Dentre estes estão os afeminados, gays, lésbicas, *queers* dentre outros, aos quais são dirigidas constantes piadas, ofensas, insultos, que acabam por objetivar estes sujeitos. Eribon (2008) revela que aquele que lança injúrias tem não somente o intuito de ferir alguém, mas de mostrar dominância, de marcar a consciência e comunicar seu posicionamento por meio de xingamentos a fim de que injúria produza efeitos profundos na mente e na personalidade de uma pessoa. Assim acontece com os que tentam ridicularizar Elmer, pois quando os mesmos dizem que a personagem é *sissy*, eles se reafirmam não afeminados, logo acreditam que tem poder, que são os Sujeitos.

Depreende-se ainda que até mesmo o ato de brincar traga uma investidura no processo de aprendizagem de gênero, pois socialmente algumas brincadeiras e brinquedos são automaticamente atribuídos a determinado gênero. Pelas palavras do papai pato:

---

<sup>9</sup> Tradução nossa: Afeminado! Todos estão chamando-o de AFEMINADO! Agora eu sou o motivo de gozação para todos do bando.

“You’ll never get along in the world if you don’t learn to play with others”<sup>10</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 9), o jogo seria um esporte indispensável para sociabilização com o seu grupo, uma vez que, possuía características normativas a masculinidade. Deste modo, Elmer é levado pelo pai a praticar um esporte para meninos na tentativa vã de corrigi-lo, imprimir neste sujeito marcas de masculinidade e tentar assim sufocar a feminilidade, porém, a personagem brincava mais com meninas ou sozinho, não se adaptando ao jogo imposto pelo pai.

Além da tentativa de masculinizar o filho, tirando-o dos contextos supostamente referente à feminilidade, o pai de Elmer, remete a análise de outro aspecto bastante presente na figura paterna; um filho que se comporte de modo a desviar-se dos padrões de masculinidade traz para o pai o sentimento de vergonha, como se de alguma forma as atitudes do filho ferissem bravamente sua virilidade, situação que levaria todos em volta a pensar o mesmo. Pode-se dizer que o pai adota uma forma de masculinidade, representando, assim, a masculinidade geral, para Connell (1995), entendida como a masculinidade hegemônica que barra os prazeres e as emoções dos sujeitos, ressaltando sempre o coletivo ao invés do individual. Ademais, podemos dizer que frente às críticas está a preocupação latente de que o pai não soube educar o filho, não ensinou o filho a ser homem. Surge daí o medo, a preocupação de ser o motivo de chacota do bando.

O pensamento da mãe revela como as concepções do seu companheiro estavam baseadas nas projeções que a mídia lança sobre os atributos de masculinidade. Sendo isso percebido quando ela sugere: “If you’d stop thinking like a sneaker commercial, you’d see that Elmer is just as strong as any other duckling”<sup>11</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 18). Tanto ela percebe que a mídia não representa seu filho, quanto questiona a hipervalorização da força, bravura, agressividade, que são sempre colocadas como atributos indispensáveis para masculinidade. Seguindo a lógica de que no gênero não há respostas definidas pelo determinismo biológico, o mesmo deve ser considerado como fluido, pois esta categoria não deve ser limitada ao binarismo que tenta normatizar os corpos. Assim, conceber esta fluidez é poder legitimar inúmeras possibilidades de

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: Você nunca se dará bem no mundo se não aprender a brincar com os outros.

<sup>11</sup> Tradução nossa: Se você parasse de pensar como um comercial de tênis, você veria que Elmer é tão forte quanto qualquer outro patinho.

performatividade de gênero que estarão sempre relacionados ao corpo, como é o caso da concepção de gênero performático teorizado por Bento (2014) em consonância com Butler (2015, p. 240) para quem “consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido”. O gênero é, pois, aquilo que o corpo representa enquanto linguagem e expressão da existência.

Sabendo que esta performatividade se dá pela identidade de gênero, por meio da inteligibilidade do sujeito, ser *sissy* é uma ruptura com a heteronormatividade. Nesse caso, Elmer não se assemelha aos outros patinhos e resiste às tentativas corretivas que ao seu corpo são impostas, assumindo o seu caráter performativo. Elmer performa e vive a sua identidade de gênero para além das normativas, respeitando a sua autoimagem e inteligibilidade. No decorrer da estória é possível perceber como Elmer lida tanto com o processo de docilidade<sup>12</sup>, quanto com a sua própria identidade através das resistências. A personagem não se enxerga bizarra ou diferente, pois a sua performance é natural à sua inteligibilidade, ao que acredita ser sua essência. Ele só entende que é “diferente” posteriormente as declarações do seu pai e quando sofre agressões. Conseqüentemente, na trama, as relações se deterioram por meio do olhar do outro. Assim, esse olhar e o juízo de valor pesam, e desencadeiam as emoções negativas que a personagem sente. Com o intuito de que x leitorx tenha noção da gravidade desta situação de subalternidade, a voz do narrador questiona: “*Poor Elmer heard his father’s words, and his heart crumbled to pieces. What do you do when your own papa calls you names?*”<sup>13</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 18). O narrador, deste modo, mostra e desnuda as fortes angustias que o patinho sentiu.

De acordo com Ferreira et al. (2012), a transição entre os gêneros é encarada com repressões e discriminações, se tornando objeto de violência. E foi assim com a personagem, a partir do momento em que foi para a escola, gerando um grande alvoroço.

---

<sup>12</sup> Foucault (2014) remete a um diálogo sobre os corpos subalternos pela microfísica do poder instaurada em todas as instâncias sociais e, além disso, mostra como esses corpos são constantemente entregues ao adestramento e obrigação de cumprir com os padrões impostos e requeridos. Trazendo isso para a leitura da personagem Elmer, nota-se que ele está durante todo tempo sendo compelido, por aqueles a sua volta, ao processo de adestramento e masculinização do seu corpo.

<sup>13</sup> Tradução nossa: Pobre Elmer ouviu as palavras de seu pai, e seu coração desmoronou. O que você faz quando seu próprio papai te insulta?

O pato Drake ao declarar: “*No sissies allowed in MY school*”<sup>14</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 14); marca o território pelo seu discurso, dando ênfase ao pronome possessivo “MY”, demonstrando que Elmer não era bem-vindo no espaço escolar, logo, sua presença tornou-se alvo do desprezo, obtendo como resposta tentativas de agressões físicas. Nota-se que Elmer foi colocado à margem do respeito na escola e em casa, sofrendo agressões por ser diferente e apresentar-se fora da perspectiva estrita de gênero que a ele é imposto. Esse abandono e a negação de direitos não reflete apenas às expectativas do núcleo escolar ou familiar; a sociedade em si espera que cada componente social cumpra o contrato de heteronormatividade. Para Furnali (2009),

manifestações das mais diversas formas, a discriminação compreende, desde situações de intolerância e exclusão – nos mais diversos convívios íntimos (na família, no círculo de amigos) e em instituições sociais (no trabalho, na escola, nas religiões, na legislação) – como na violação do direito humano da integridade física pessoal até o extermínio cruel e covarde (FURLANI, 2009, p. 162).

O patinho desde muito cedo já teve que enfrentar a intolerância e a exclusão. Tendo ciência que esta experiência se deu nos primeiros anos escolares, a situação parece ainda mais cruel e violadora, pois é neste ambiente que xs sujeitxs também aprendem e se constituem como cidadãos. No entanto, todas as violências vivenciadas pela personagem não se restringe a esses ambientes. A Elmer é negado todo o seu entorno social, pois o mesmo tem, em um processo de autoexclusão, todos os seus vínculos sociais e afetivos quebrados por meio de imposições que o vitimou. Ao falar sobre os processos de construção dxs sujeitxs, orquestradxs pela heteronormatividade, Junqueira (2009) mostra que

deste resulta que ‘homem que é homem bate em veado’. E embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais parece ser na escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais Assim, é razoável supor que, na escola, a homofobia produza efeitos sobre todo o alunado (JUNQUEIRA, 2009, p. 19).

---

<sup>14</sup> Tradução nossa: Não é permitido nenhuma bicha na minha escola.

É importante atentar a partir da obra literária e da citação acima, como estas duas instituições são “celeiros” de violências, desmistificando a ideia essencialmente romântica de que na família a formação dx sujeitx se dá com pleno amor e desenvolvimento. A família que deveria ser lugar de aconchego e proteção, no contexto da narrativa, torna-se espaço de violências, e ao contrário do esperado, não contribui no primeiro momento da estória para o pleno desenvolvimento de Elmer. Por ser afeminado, ele coloca em cheque as atribuições de afeto comumente atribuídos a família. Muszkat (2011, p. 17), ao estudar violência e masculinidade, mostra que “em um ambiente familiar onde predomina práticas violentas, todos os membros da família estão sujeitos aos efeitos perniciosos desta dinâmica”. A violência praticada na família revela que além da personagem Elmer, a mãe do protagonista também sofre expressivamente frente às violências vividas pelo filho.

Outro ponto perceptível é como a escola, que deve ser um espaço de múltiplas convivências, ainda está presa a dimensões heteronormativas, reproduzindo inclusive as pedagogias da sexualidade e gênero compulsórias no processo de construção dx sujeitx e de suas identidades. As escolas ainda se constituem como instituições excludentes por não mostrarem-se abertas ou preparadas para discutir a respeito da sexualidade e até mesmo receber alunxs com performances de gênero não binário, gênero fluidos, assexuais, pansexuais, gays, lésbicas, transexuais, travestis, intersexos e os *queers* compactuando assim, de forma passiva ou ativa com o preconceito e discriminação.

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas constrangimento, ameaça e agressões física ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas veem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituídas de piadas brincadeiras jogos, apelidos, insinuação expressões desqualificantes, poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica (JUNQUEIRA, 2009, p. 17).

Para o autor, a educação é um sistema sexista de dominação na qual se evidencia que na escola é possível encontrar o olhar para x outrx como aquele que é estranhx, anormal contagiosx, pois o padrão de normalidade faz com que a mesma seja configurada como lugar de opressão. Elmer, ao ser renegado pelo pai, é excluído do convívio íntimo e familiar. Já no contexto escolar é excluído de forma simbólica do contexto social, quando um entre seus colegas o insulta e, posteriormente, tenta agredi-lo fisicamente, mostrando que ali não era o seu lugar o que significa uma não aceitação dentro da sua própria

comunidade. A perda de poder, da força, das vantagens, do direito e privilégio de ser homem nos ditames do patriarcado, coloca Elmer a parte do que se tem como padrão, pois a masculinidade é tida como polo de autoridade. Em ternos hierárquicos, com base em Connell (1995), a personagem não se beneficia do patriarcado devido à manutenção da ordem de gênero não igualitária. O poder do macho é destituído da personagem, sendo que ele assume trejeitos de feminilidade e por assim dizer passividade, na visão social.

Além de seu pai, os outros patinhos ali também não admitiam tal comportamento. Ao ouvir o pai declarar: *“Elmer is a sissy!” [...] He’s no son of mine*” (FIERSTEIN, 2005, p. 18)<sup>15</sup>, o patinho viu que a única solução para aquele problema era sair do seio familiar, assim como também do seio social no qual estava envolvido. O afastamento do seio social e familiar é uma decisão aparentemente comum para estxs sujeitxs. Sem o apoio da família, e às vezes até mesmo tendo que lidar com situações de violências, abusos e agressões, estes sujeitos, marginalizados, podem ver-se obrigados a abandonar seus círculos de convivências. Na narrativa, com a chegada do inverno, todxs xs patxs da floresta migravam para outros lugares, porém com a idade avançada e a fraqueza, o pai de Elmer não conseguiu acompanhar xs demais, ficando para trás. Elmer vendo seu pai debilitado trouxe-o para sua casa e cuidou dele. Durante todo o inverno, eles começaram a conhecer mais um ao outro. Divertiram-se e fizeram coisas juntos, o que fez com que seu pai percebesse que a identidade de gênero de seu filho não era demérito ou o tornava menos importante na sua vida.

Ao final do período de inverno, com o retorno de todxs xs patxs, tanto a família de Elmer quanto as outras famílias puderam se reunir novamente, desta vez dando fim a situações de violências. Nesta ocasião, todxs xs patinhxs apreciaram o feito de Elmer, e vendo aquele momento, totalmente agraciada, sua mãe sussurrou a ele: *“I always knew you were special [...] And now everyone else knows too. I am so proud of you”*<sup>16</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 37). Com isto, se instaura na narrativa o que Candido (2010) define como “o quinhão da fantasia”, ou seja, as modificações que precisam ocorrer na história

---

<sup>15</sup> Tradução nossa: Elmer é uma bicha! Ele não é meu filho.

<sup>16</sup> Tradução nossa: Eu sempre soube que você era especial [...] E agora todos também sabem. Eu estou muito orgulhosa de você.

narrada para torná-la mais expressiva dentro do contexto ficcional, no caso desta literatura infantil a superação das adversidades.

Elmer, por ser uma personagem tão rica, mostra que mesmo com todas as dificuldades e amarguras é preciso afirmar e viver as identidades. No final da estória ao tomar para si um termo que seria pejorativo, ele ressignifica e atribui um novo sentido ao que a priori o subalternizava. “Elmer took a deep breath and spoke his mind. “*I want to make one thing perfectly clear: I am the same duck I have always been. I have not changed. I am a BIG SISSY and PROUD of it*”<sup>17</sup> (FIERSTEIN, 2005, p. 40). O autor ao destacar “sissy” e “proud” mostra uma força em assumir a injúria e a politiza, tal qual aconteceu com a palavra *Queer*, pois ela, antes usada para insultar ou ridicularizar pessoas LGBTQI+, passou por uma reviravolta epistemológica. O *queer* se torna, assim, uma identidade teorizada epistemologicamente que não se restringe à identidade de gênero e a conhecimentos sexuais particulares, mas se estende para as identidades de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. É pensar de forma ampla o que gera estranhamentos, a epistemologia *queer* é neste sentido, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa (LOURO, 2008, p. 40 *apud* SILVA, 2000, p. 107). Tanto a teoria, quanto a arte mostram sujeitxs que desestabilizam e sabotam o sistema de estigma ao considerar estratégias de análise, de contestação, positivando suas identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, compreende-se esta proposta de diálogo como um passo para se considerar e perceber as literaturas infantojuvenis como dispositivos artísticos para além do entretenimento. Acredita-se que trazer narrativas como *The Sissy Duckling* ao campo da crítica literária pode ser uma iniciativa de politizá-las e assim contribuir com os estudos literários que já vêm por meio dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero e Sexualidade propondo diversas análises que remetem às abrangências de pensar a cultura, sociedade e

---

<sup>17</sup> Tradução nossa: Elmer respirou fundo e falou o que sentiu. "Eu quero deixar algo perfeitamente claro: Eu sou o mesmo pato que sempre fui. Não mudei. Eu sou MUITO AFEMINADO e me ORGULHO disso.

as subjetividades. Nesse sentido, a leitura da obra analisada possibilita a socialização do que possivelmente encontra-se em situações reais, uma vez que a mesma é uma forma ficcionalizada de tratar assuntos considerados complexos, viabilizando o desenvolvimento de um/uma leitor/a críticx, acima de tudo, conscientes.

O desafio foi pensar a obra analisada dentro de contextos ainda pouco problematizados e discutidos no campo dos estudos literários que passam a englobar os estudos gays, lésbicos, *queer* e de gênero. Admite-se que as homossexualidades, lesbianidades, outras sexualidades, as homo/lesboparentalidades, o *queer*, as *trans* identidades, as efervescências das vivências de gênero, ainda são temáticas embrionárias, sobretudo, no campo dos estudos da literatura infantojuvenil, o que justifica o foco dado à narrativa *The Sissy Ducking*. Diante disso, percebe-se que a obra explicita situações-conflitos, exclusões, violências devido à identidade de gênero que a personagem requer para si; assim como, problematizações de urgências cotidianas nas quais é preciso examinar os meios pelos quais se estabelecem a norma, e com isso, instigar os riscos desses desrespeitos, como também de refletir sobre diversas formas de viver o gênero, borrando as regulamentações sustentadas pelo poder.

Em *The Sissy Ducking* a heteronormatividade é representada como instauração de propósitos a fim de que padrões de gênero sejam impostos a personagem. Logo, faz-se necessário pensar sobre os rearranjos das diferenças de gênero, contestando a dominação, para que haja uma recomposição de seus elementos, tornando suas práticas disponíveis para todxs, como nos sugere Connell (1995), através do ideário de des-generificação, criando estratégia para uma re-generificação. Esta perspectiva permite questionar a fixidez do masculino e do feminino, pensando estas categorias de modo a visualizar suas intersecções. Além disso, na obra, os estereótipos e as violências expõem o teor de ideias sugeridas pelo autor. Apresentar o pato mais feliz da floresta, a tentativa do pai de virilizá-lo, os estigmas sociais, a exclusão, o convívio com o pai e o retorno de Elmer a sociedade através do seu heroísmo mostra como a sequência de violações se deu, e como ela pôde ser rompida.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. – Barueri, SP: Manole, 2010.

COLLING, Leandro. Introdução: caras que desfazem gênero. In: COLLING, Leandro (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

CONNELL, R.W. Políticas da masculinidade. In: **Educação & Realidade**. V.20, n.2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação 1995.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FIERSTEIN, H. **The Sissy Duckling**. New York: Simon & Schuster, 2005.

FELIPE, J; BELLO, A. T. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. 23.ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o poder**. 1999. Disponível em:  
<<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>  
acesso: 08/07/17 às 15:30.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GROSSI [et al.]. **Movimentos sociais, educação e sexualidade** / organizadoras, Miriam Pillar Grossi [et al.]. - Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEYER, D. E. E. Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

MUSZKAT, S. **Violência e masculinidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **Desobediências de gênero**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

SELL, T. A. **Identidade homossexual e normas sociais:** histórias de vida / Teresa Adad Sell. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

RUTERANA, P. C. Using children's literature to promote gender equality in education: the case of the fairy tale of Ndabaga in Rwanda. **Rwanda Journal of Arts and Humanities**, Volume 2 (2), 2017, n. 31. p. 31-43.

SEFTON, A. P. Sexualidade para além da heterossexualidade: representações de homossexualidade na literatura infanto-juvenil. **Textura**, n.24, jul./dez.2011. p. 53 - 74